

Professora Nota 10



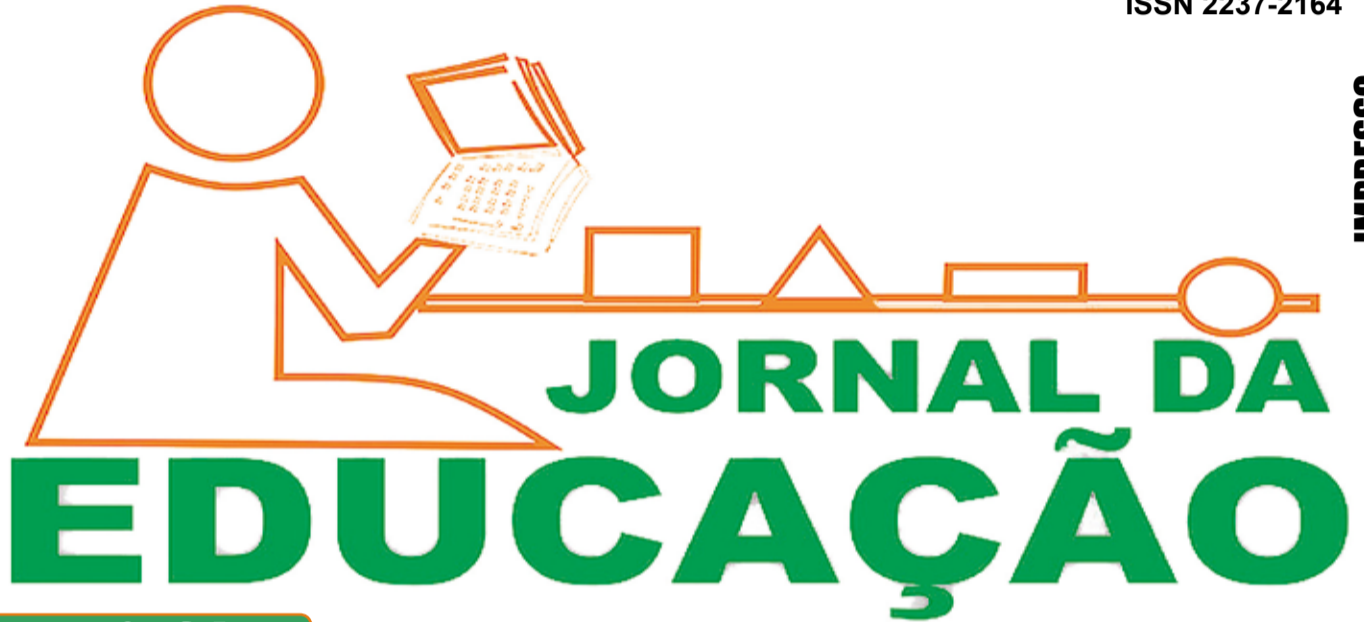
Acolhimento e adaptação tranquila da criança ao ambiente escolar e conscientização da família de que o CEI educa e cuida são ações do projeto **Pé com Café**, da professora do Berçário I, do CEI Ademar Garcia, **Marilei Roseli Chableski**, vencedora na categoria Educação Infantil do Prêmio Educador Nota 10.



Ano XXX-Nº298 -2016-Joinville-SC

ISSN 2237-2164

IMPRESSO



www.jornaldaeducacao.inf.br

Exemplar de assinante/anunciante



A professora **Marilei Chableski**, é a vencedora na categoria educação infantil, com o projeto **Pé com Café**, desenvolvido com a turma do Berçário I, do CEI Ademar Garcia, de Joinville.

Mais de 4.200 trabalhos foram inscritos na edição do Educadores Nota 10 de 2016, uma iniciativa da Fundação Victor Civita em par-

ceria com a Fundação Roberto Marinho.

Os dez vencedores, além da assinatura do site Nova Escola Clube, receberam um vale-presente no valor de 15 mil reais cada um.

Marlei nasceu no interior do Paraná e cursou Pedagogia com bolsa do ProUni.

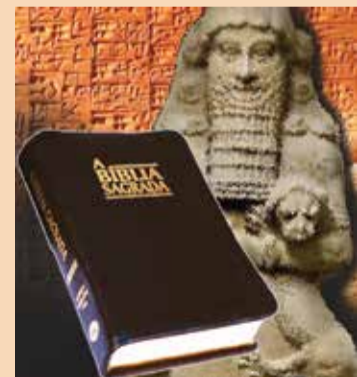
Págs. 4 a 6

Leia também

Escolarização do esporte

Pág. 6

A origem da Bíblia



Pág. 3

A dengue e sua repercussão da legislação



Pág. 7

A aprendizagem será significativa somente quando a escola ensinar disciplina e respeito

Há algo de muito errado com uma sociedade em que as pessoas que fazem a coisa certa são duramente criticadas e estão erradas aos olhos dos colegas.

Seguramente há algo de mais errado ainda se um professor que quer ensinar verdadeiramente é orientado a “deixar para lá”, a aliviar na nota do aluno e a fazer cálculos diferenciado para que os alunos tenham notas melhores.

Este será o comportamento padrão nas escolas públicas do país? O resultado são as notas que alunos e suas escolas receberam no ENEM de 2015, divulgado na semana passada.

Que a qualidade do ensino oferecido nas escolas públicas é baixo, todos sabemos. Mas o que os brasileiros, inclusive os professores e especialmente os gestores das escolas de ensino básico, notadamente os indicados politicamente, e os que estão na direção das escolas para satisfazer seu ego de poder e fama, se recusam a reconhecer, é que a qualidade do ensino é baixa porque a qualidade da gestão do ensino é deficiente.

aprendizagem acontecerá.

Ou vejamos, são 20, 30, 40 ritmos diferentes de aprendizagem em uma sala de aula e apenas um ritmo diferente de ensinagem. O que é o natural? Com certeza não será um multiplicar-se em 40. Não há sequer tempo de aula suficiente para isso. Se despende um minuto para cada “diferente ritmo de aprendizagem” fazendo o que dizem ser sua obrigação, a professora levará toda a aula a dar atenção especial. E haverá aprendizagem do conjunto de estudantes? Seguramente não.

Portanto, enquanto a equipe gestora da escola continuar a confundir ‘ter o foco na aprendizagem’, com deixar o aluno fazer o que quer e a alimentar neles a falsa ideia de que seus pais poderão vir à escola na hora que quiserem para agredir o professor; a aprendizagem, comprovada como deficiente pelos exames de conhecimento externos à escola, continuarão a detectar que há sérios problemas dentro das salas de aula.

Este desvio de conduta de gestores, alunos e até mesmo de professores que

PORTANTO, ENQUANTO A EQUIPE GESTORA DA ESCOLA CONTINUAR A CONFUNDIR TER O FOCO NA APRENDIZAGEM, COM DEIXAR O ALUNO FAZER O QUE QUER E A ALIMENTANDO NELES A FALSA IDEIA DE QUE SEUS PAIS PODERÃO VIR À ESCOLA NA HORA QUE QUISEREM PARA AGREDIR O PROFESSOR EM SUA DEFESA, A APRENDIZAGEM COMPROVADA PELOS EXAMES DE CONHECIMENTO EXTERNOS À ESCOLA, CONTINUARÃO A DETECTAR QUE HÁ SÉRIOS PROBLEMAS DENTRO DAS SALAS DE AULA.

Nenhum professor, por mais preparado que seja, por mais que seja pós graduado, mestre ou doutor, conseguirá ensinar se não tiver o apoio da equipe gestora da escola.

Esta equipe, formada pelo diretor e seus auxiliares (supervisores, orientadores e auxiliares pedagógicos) na quase totalidade das escolas públicas está montando estratégias para garantir a continuidade do status quo, em vez de criar estratégias para apoiar o trabalho do professor em sala de aula. Como, por exemplo, cobrar e insistir com os alunos que respeitem o profissional que ainda resiste bravamente nas salas de aula.

Empreender estratégias para levar os alunos a respeitarem o professor e para a valorização do mestre é a mais importante das atividades. Ao invés disso, ‘panos quentes’ sobre os comportamento inadequados e até mesmo as agressões são a regra.

A quase totalidade das escolas trata o bullying contra o professor e os colegas, a indisciplina, a falta de responsabilidade dos alunos com as tarefas e com o silêncio em sala de aula como atitudes normais de crianças e adolescente. Mas não são.

Para cada direito, a criança tem uma obrigação. A obrigação do professor é ensinar, a do aluno é prestar atenção, fazer as atividades propostas e perguntar quando tiver dúvidas sobre o conteúdo.

Não cabe ao professor educar o aluno e, muito menos adaptar-se ao hábito individual de cada aluno que está em sua sala de aula. São os alunos, que são em maior quantidade em sala de aula, que deverão adaptar-se ao modo de ensinar da professora ou professor. Enquanto continuarmos a exigir o contrário, nenhuma

se rendem “ao sistema vigente” (leia-se a este modo de gerir a escola), pode ser considerado um grande esquema de corrupção educacional.

Parar a escola, ou mesmo estender o recreio para fazer uma chá de bebê para a professora grávida é corrupção pedagógica.

Todos concordam que as quatro horas diárias que nossos estudantes deveriam ter de aula é pouco, então, esse tempo da festa, lhes é roubado da aprendizagem.

Além disso, esse tipo de coisa, passa a imagem de que, a festa é muito mais importante do que o ensino. Como o filho, que ainda não nasceu, pode ser mais importante do que TODOS os filhos intelectuais de uma escola?

O individual jamais pode prevalecer sobre o coletivo. E esta é a principal ideia que precisa ser ‘plantada na cabeça de nossas crianças e adolescentes’, se quisermos ter uma nação de brasileiros nas próximas gerações.

No momento em que crianças e professores estão no topo das comemorações é o tempo ideal para refletirmos sobre o que, efetivamente, é valorizar o professor e respeitar a criança. O mais importante dos direitos de cada uma das crianças é ter um teto seguro para viver e crescer.

E como ela o terá se, em todos os ambientes em que vive é tratada como alguém absolutamente irresponsável pelos próprios atos?

Isentas de erros e obrigações, nossas crianças estão sendo transformadas em tiranos, travestidos e tratados como príncipes e princesas.

Aquele tipo que é muito paparicado, mas que o mundo jamais dará o suficiente para a importância que julga ter ou para satisfazer seus desejos que são maiores e mais tiranos a cada dia.

Já é tempo da equipe gestora e dos pais entenderem que, a qualidade de ensino melhorará somente quando a escola tratar o aluno como um ser em formação e que precisa cumprir metas comportamentais.

A escola é o espaço no qual a criança deverá aprender a viver com o outro cidadão, que tem os mesmos direitos e deveres que ela própria, independe da classe social, religião, sexo, raça, cor da pele ou características físicas e psíquicas.

Os professores são a primeira autoridade pública a que são submetidos os cidadãos. Mais tarde virão os patrões, gerentes, legisladores, os governantes e os juizes.

Nos países desenvolvidos, como os Estados Unidos e Japão, e em todos os que conseguiram excelência em ensino, tem regras disciplinares claras e rigorosamente cumpridas pelos estudantes de todos os níveis de ensino.

Nos Estados Unidos há policiais em todas as escolas. Os estudantes têm tempo determinado para ir ao banheiro e, no lá, alguém fará o registro do horário de chegada e saída. A medida visa a controlar o tempo despendido no trajeto e evitar o consumo de substâncias entorpecentes no ambiente escolar.

No Japão, fazer o trajeto de casa à escola é a primeira responsabilidade atribuída integralmente aos pequenos. Os vizinhos caminham juntos até a escola cuidando uns dos outros. Quando a segurança está sendo ameaçada, a própria população encontra meios de possibilitar as crianças que se defendam “do inimigo”.

Quanto mais conhecemos sobre realidade educacional de outros países, mais convictos ficamos de que não é somente com mudanças curriculares ou a ampliação do tempo de permanência na escola, que vamos conseguir qualidade de ensino no Brasil.

É preciso, antes de mais nada, deixar o romantismo de lado e fixar regras disciplinares claras e rigorosas a serem cumpridas pelos estudantes.

Afinal, a aprendizagem deve ser significativa e prática. Nada mais significativo e prático do que cumprir regras claras de convivência em sociedade, do que aprender fazendo. Cumprir horários, fazer a sua parte na rotina diária e na manutenção da própria segurança é apenas o primeiro passo para a vida autônoma e responsável.

Nossas crianças e jovens deveriam ser responsabilizados desde casa: despertando e levantando sozinho com o alarme, vestir-se, fazer a higiene, tomar café e sair para a escola em horário fixo para chegar pelo menos dez minutos antes na escola.

Chegar alguns minutos antes não prejudicará ninguém, e ainda será a aprendizagem para administração do próprio tempo, especialmente para quando ingressar no mundo do trabalho remunerado.

Enquanto as escolas brasileiras continuarem a relativizar as regras, o horário, o respeito mútuo, disciplina e a valorizar a nota em vez da aprendizagem (comprovadamente inferior as notas expressas nos boletins escolares), nada mudará em termos de qualidade de ensino no país.

A reforma necessária na educação

JE

Ano XXX - Nº 298 - 2016

Rua Marinho Lobo, 512 Sala 40
89201-020 Joinville - SC
Fone: (47) 3433 6120 e 84150630

Endereço Eletrônico:
www.jornaldaeducacao.inf.br
jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br

Jornalista Responsável:
Maria Goreti Gomes DRT/SC
ISSN 2237-2164
Reg. Especial de Título nº 0177593
Impressão: AN
Tiragem desta edição: 4000
Distribuição dirigida a assinantes, anunciantes e estabelecimentos de ensino dos municípios das regiões educacionais de Joinville e Jaraguá do Sul.

Os artigos e colunas assinados são de responsabilidade de seus autores

não virá de planos ou políticas governamentais. Ela acontecerá somente no momento em que gestores, professores e pais assumirem verdadeiramente seus papéis na educação de nossas crianças e adolescentes estabelecendo e fazendo cumprir regras disciplinares e comportamentais claras e rigorosas.

Não há, na face da terra, uma única sociedade que consiga progredir para uma qualidade melhor de ensino, e conseqüentemente de vida, sem disciplina.

A escola e o conhecimento que ela proporciona são a porta de saída da miséria financeira e da pobreza social.

Todos os empresários, gestores, trabalhadores, artistas e atletas bem sucedidos são pessoas disciplinadas em seus afazeres básicos cotidianos. A indisciplina é a causa número um dos gordos não conseguirem emagrecer.

Não há sucesso sem dedicação, disciplina (o modo certo de fazer as coisas), erros e, principalmente, acertos.

Não importa quantas vezes se caia, o importante é quantas vezes você seja capaz de erguer-se e seguir adiante, até alcançar seus objetivos.

Lembre-se, ninguém tem inveja de mendigo maltrapilho jogado na sarjeta da vida. Somente as pessoas bem sucedidas (sempre disciplinadas) são invejadas. E não adianta dizer que o importante é o que se é por dentro, não raras são as vezes que os órgãos internos espelham as distorções da indisciplina no cuidado com o próprio corpo.

Ninguém nos julga pelo que está por dentro, somos julgados pelo que somos na sociedade (profissional e pessoalmente) e pelo que fazemos por ela e não pelo que ela faz por nós.

É chegada a hora de ser bom caráter, profissional eficiente e cidadão honesto. E ninguém é isso tudo, sem antes ser um estudante disciplinado, dedicado e interessado verdadeiramente no saber e no conhecimento.

Ensino Médio: em meio à complexidade

Mirian Celeste Martins*

Fomos tomados de surpresa com a Medida Provisória (MP) 746/2016 de 22 de setembro. O Ensino Médio precisa de uma reformulação e ela vem em boa hora. Não se pode negar que, como traz a revista Veja neste domingo, “Os educadores concordam que não tem mais propósito fazer o aluno acumular cultura enciclopédica numa era em que o conhecimento está na internet a um clique de distância”.

A revista complementa com a voz do físico Andreas Schleicher da OCDE que reúne países desenvolvidos: “O que o jovem precisa é saber juntar as peças disponíveis e formular ideias”. Mas sabemos que isto é mais do que tornar o sistema atrativo para os estudantes como afirma a revista.

O assunto é complexo e extremamente

mas a literatura como o Teatro, a Dança, a Música e as Artes Visuais fazem mais do que descrever um quadro. Os jovens vivem imersos no mundo de imagens e não podem ser meros consumidores acríticos. A visão interdisciplinar há de ser construída por um coletivo de professores especialistas e não basta dizer que “pode estar integrada até nas ciências exatas” como quer Maria Helena Guimarães de Castro, secretária executiva do MEC em matéria da Folha de São Paulo de 25/09.

A dimensão estética amplia a compreensão do mundo e provoca o pensamento criador e sensível necessário para qualquer área do conhecimento, mas exige um docente com formação específica e tempo curricular para isso.

A MP NÃO FOI UM BOM INÍCIO, MAS DESVELA QUE TUDO ESTAVA ENGENDRADO HÁ MUITO TEMPO. MENOS É MAIS? AINDA LIDAMOS MAIS COM CONTEÚDOS DO QUE COM CONCEITOS, MAIS COM OBJETIVOS DO QUE PROPOSTAS QUE OS PERMITAM ACONTECER...

relevante, conecta-se com outras legislações, com instituições públicas e privadas, demanda ampla discussão. Muito ainda parece indefinido e caberá aos sistemas de ensino, aos Estados e Municípios fazer suas escolhas em um processo de flexibilização que é saudável. Entretanto, de imediato é possível notar alguns aspectos que demandam grande atenção:

Sobre as verbas para a educação.

O Secretário de Educação do Estado de São Paulo José Renato Nalini (mestre e doutor em Direito Constitucional), afirmou em matéria publicada no jornal O Estado de São Paulo em 24/09, que deve usar espaços de escolas privadas: “Vamos poder usar recurso (espaço) de escolas privadas. O Sistema S (formado por Senai e Sesc, entre outros), então, vamos aproveitar tudo”.

Usar recursos é bom, mas para onde iriam as verbas? Parece haver uma brecha para que todas as escolas que se adequem ao sistema possam receber verba pública. Verbas para a iniciativa privada? E as escolas públicas continuariam com a precariedade em que se encontram?

Sobre os novos percursos formativos dos estudantes: Trabalhar por áreas é uma solução interessante mas dizem que a gritaria geral contrária é corporativista. Será? Vejamos. Para o referido Secretário, na mesma matéria já citada: “É impossível falar de literatura sem falar em arte. Isso leva você até a despertar a imaginação quando faz uma descrição, enxergando um quadro, por exemplo”.

Literatura é uma das linguagens artísticas,

Sobre a profissão docente. É desalentador o que se vê como perspectiva. O SESI, por exemplo, oferece um Curso de Graduação em Linguagens. Em seu site é possível descobrir que em quatro anos, além de outras funções, “O licenciado em Linguagens estará preparado para atuar como professor de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Artes, nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio”.

Há cursos para todas as áreas. Fácil assim... E já foi autorizado e publicado no Diário Oficial da União do dia 18 de agosto de 2015. Em quatro anos seria possível habilitar um profissional com conhecimentos tão específicos? Por outro lado, em relação ao ensino profissionalizante quem avaliará o “notório saber”? Haverá alguma formação específica emergencial?

A MP não foi um bom início, mas desvela que tudo estava engendrado há muito tempo. Menos é mais? Ainda lidamos mais com conteúdos do que com conceitos, mais com objetivos do que propostas que os permitam acontecer... A MP atacou com vara curta e impulsiona o repensar a educação e a profissão docente. E exige de cada um de nós, educadores, cidadãos, bem como de nossos secretários de educação muita atenção, sensibilidade, inteligência e tempo para aprofundar os detalhes importantes que parecem apenas esboçados.

Mirian Celeste Martins é professora no programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.



DOGMAS
OU
HERESIAS?

Fernando Bastos



A origem da Bíblia

“O passado das civilizações nada mais é que a história dos empréstimos que elas fizeram umas às outras ao longo dos séculos.” (Fernand Braudel, 1902 – 1985, historiador francês)

Até o século dezoito, poucos pesquisadores duvidavam da veracidade dos textos bíblicos. A criação do mundo em seis dias, a feitura do homem a partir do barro, a enchente universal, uma arca capaz de abrigar milhares de pares de animais por cerca de cento e cinquenta dias, a entrega dos Dez Mandamentos a Moisés, as dez pragas, o mar aberto ao meio, o nascimento virginal de Jesus e seus milagres, a vitória sobre a morte e sua espetacular subida ao Céu, tudo era interpretado literalmente.

Não se cogitava buscar provas dos acontecimentos ali narrados, pois a fé já era suficiente para afastar qualquer argumento que pudesse pôr em dúvida a integridade das Escrituras. Mas, no início do século dezenove, a descoberta de tabletas de argila, contendo textos em escrita cuneiforme, na biblioteca do imperador assírio Assurbanipal (668-627 A.E.C.), na cidade de Nínive, vai mudar a forma de se ler a Bíblia.

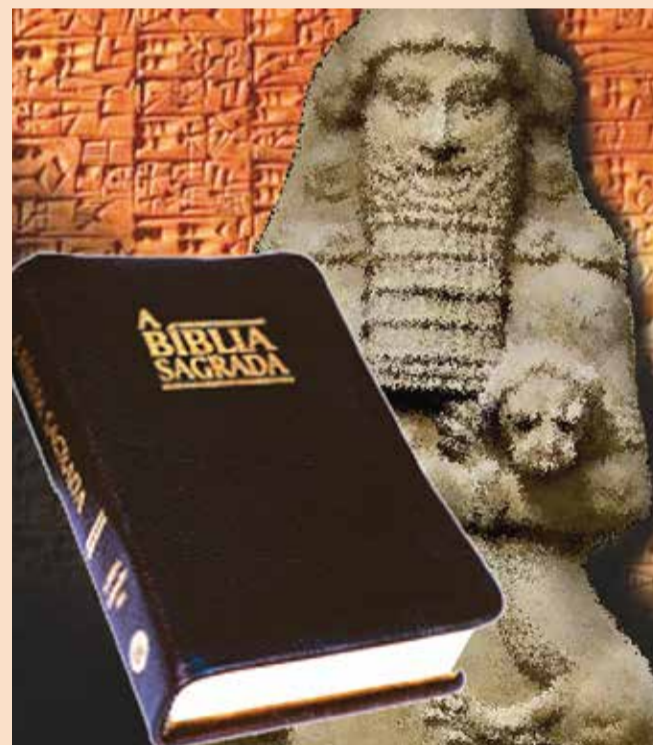
Entre esses textos, chamou a atenção dos estudiosos as aventuras de um rei sumério chamado Gilgamesh, devido as semelhanças de seu conteúdo com as histórias contadas na Bíblia. O mais surpreendente é que aqueles textos eram mais antigos do que a própria Bíblia. O Mito de Gilgamesh é a obra literária conhecida mais antiga da Humanidade, e suas primeiras versões são do Período Babilônico Antigo (2000-1600 A.E.C.). Entretanto, segundo muitos especialistas, aquelas narrativas eram bem mais antigas, e provavelmente já existiam por volta do ano de 2700 A.E.C., época em que o herói Gilgamesh teria vivido.

Por ser a obra literária mais antiga que se conhece, os pesquisadores concluíram que ela exerceu forte influência em muitas obras posteriores, como a Ilíada e Odisseia de Homero (séculos VIII e VII A.E.C.) e, sobretudo, nos primeiros livros da Bíblia, que só começariam a ser escritos no primeiro milênio A.E.C., ou, como acreditam os modernos, a partir do século sete A.E.C. Ao

fazermos as comparações entre Gilgamesh e a Bíblia, notamos que as histórias narradas em Gilgamesh ganharam versões muito parecidas na Bíblia, e, embora com elementos e nomes de personagens diferentes, as ideias são as mesmas.

Além da literatura sobre Gilgamesh, outro fato aconteceu para que muitas histórias contadas na Bíblia começassem a serem vistas como plágios de lendas antigas: o estudo das religiões comparadas. Estudiosos como Joseph Campbell e Otto Rank perceberam que contos parecidos aos registrados na Bíblia já existiam em povos tão distintos como os sumérios, babilônicos, chineses, egípcios, fenícios, gregos, etc.

Por exemplo: um homem que escreve um código de leis a mando de um deus era comum entre os antigos. Atribuir uma legislação a um deus dava mais credibilidade e autoridade ao que o rei ou profeta pretendiam impor ao povo. A lenda do semideus que



nasce de uma virgem fecundada por um deus, que fará milagres, e depois ressuscitará dos mortos e subirá ao céu existia em abundância em diversas culturas pré-cristãs. O inferno, que o ex-papa Bento 16 acredita existir e não ser uma metáfora, já era conhecido pelos egípcios, onde Amut, um demônio com cabeça de crocodilo e o corpo com partes de leão e hipopótamo devorava os condenados.

Graças às descobertas arqueológicas, aos estudos de religiões antigas e às luzes da crítica moderna, muitos leitores da “Sagrada Escritura” passaram a vê-la como uma reunião canhestra de diversas fontes, e que sua verdadeira inspiração não veio do Céu, mas das mais variadas culturas que a precederam.

Fernando Bastos é escritor, ilustrador e artista plástico. Publicou dois livros: “Teofania” e “Crimes em nome de Deus”. E-mail: fernandoilustrador@gmail.com e Facebook: <https://www.facebook.com/fernandocesar.bastos>

Cartas



Jornal da Educação

Opinião do leitor

Rua Marinho Lobo, 512 Sala 40
Fone: (47) 3433 6120 e 84150630
89201-020 - JOINVILLE - SC

E-mail: contato@jornaldaeducacao.inf.br

A professora Marilei Roseli Chableski, do CEI (Centro de Educação Infantil) Adhemar Garcia, de Joinville recebeu, no dia 17 de outubro, em São Paulo, o Prêmio Educador Nota 10. A ganhadora da categoria, Educação Infantil – Creche, com o projeto “Pé para Caminhar e Café para Acolher”, receberá R\$15 mil e terá o trabalho publicado na revista Nova Escola. Na mesma noite, foi conhecido o Educador do Ano, o professor capixaba de ciências e química Wemerson da Silva Nogueira, que venceu com projeto sobre a água do Rio Doce. O Educador do Ano é escolhido entre os dez selecionados de cada categoria.



Nos eventos realizados em finais de semanas, os pais construíram o circuito de PVC e a calça horta.



Em 2015, cada criança teve sua semana. As famílias participaram ativamente, levaram os objetos de apego dos pequenos e o CEI foi transformado em uma extensão da casa de cada criança.

Pé para caminhar e Café para acolher

O projeto da professora nasceu da necessidade de esclarecer os pais sobre o papel pedagógico do centro de educação infantil na vida de seus bebês que ingressaram no Berçário I, em 2015.

Na primeira reunião, os pais questionaram itens da lista de materiais como giz de cera, papel sulfite e sulfite, alegando que seus filhos

ainda eram muito pequenos e não usariam estes materiais durante o ano.

Na medida em que a reunião avançava e as professoras esclareciam as dúvidas sobre o material e a rotina da escola, os pais demonstravam em intervenções a preocupação com o cuidado do próprio filho, o mais importante.



Os pequenos experimentaram os sabores, cheiros e brinquedos preferidos dos colegas.

Pais priorizam o cuidado

Os familiares queriam saber o que seria feito com a criança na hora do sono, do choro, da alimentação, da troca de fralda, higiene... enfim, as ações do cuidado.

Preocupação considerada bastante pertinente e natural pela professora, mas que levou à constatação da necessidade de levar os pais a conhecer e reconhecer o CEI também como um espaço do saber e aprender.

“Durante a reunião, percebi a necessidade de levar para a família o conhecimento de que aqui é um espaço também do cuidar, que nós vamos alimentar, trocar a fralda, fazer dormir, brincar, mas também é um espaço de ensinar. Que temos esse olhar pedagógico para todas as ações, inclusive

do cuidado. Percebi também a importância de ter uma aproximação maior com a família”, relatou a professora Marilei.

As professoras decidiram “apresentar às famílias a proposta de ensino que contempla a ideia de que os bebês são capazes não só de utilizar giz, realizar pinturas, e explorar vários papéis, mas de brincar, imaginar, fantasiar, desejar, aprender, observar, experimentar, narrar, questionar ao seu modo, e construir sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura”.

Na reunião, além de conversar sobre aspectos práticos como a identificação das roupas, orientar sobre os cuidados ao entrar na sala de aula para organizar os pertences ou o berço; e à cerca das atitudes e ações da família especialmente nos primeiros

dias de aula, sempre visando à adaptação mais tranquila da criança (e dos pais) à nova rotina e à escola; ficou estabelecido que as famílias receberiam um questionário no qual deveriam relatar detalhes sobre as preferências, gostos e bagagem histórica da criança.

“Porque cada criança tem sua particularidade. Independentemente de ter quatro meses quando chega aqui, ela tem sua bagagem histórica. Pensando nisso, a gente elaborou a pesquisa com os pais. Porque por mais que a gente converse, por mais que haja um período de adaptação com horário flexível e reduzido nos primeiros dias, vai chegar uma hora em que essa criança vai ficar sozinha conosco o dia todo”, continua a professora.

Questionário detalhado e aberto

No questionário enviado às famílias, havia perguntas sobre as experiências, gostos e hábitos dos pequenos até então desconhecidos das professoras.

“O objetivo era conhecer de fato quem é essa criança que está vindo para nós. Saber particularidades e ter os relatos registrados por escrito no CEI, para essa informação não se perder. Queríamos saber, por exemplo, se a criança tem algum cheirinho para dormir, alguma comida que ela realmente não gosta, um brinquedo favorito”, explicou Marilei.

As perguntas eram abertas para possibilitar à família observar minuciosamente a criança. Entre as questões: a forma como a criança dormia, se tinha algum cheirinho, brinquedo

Pé para caminhar e Café para acolher

Do individual para o coletivo

O objetivo principal foi proporcionar uma adaptação tranquila para as crianças, diminuindo o choro, e levando a família a perceber a importância das articulações entre o cuidar e o educar, através do desenvolvimento das atividades pedagógicas aplicadas com a turma.

As informações complementaram as fornecidas na ficha de anamnese preenchida no momento da matrícula, que contempla outros aspectos como intolerância a alimentos, alergias, doenças crônicas, medicamentos que usa dentre outras.

De posse do novo conhecimento, as professoras iniciaram a transformação da sala de aula. O espaço foi sendo transformado numa espécie de extensão da casa de cada uma das crianças. Os pais participaram ativamente, trazendo os objetos preferidos de seus filhos, participando da confecção do circuito de PVC, de objetos e brinquedos, da calça horta e dos eventos surpresa realizados mensalmente, pelas professoras.

“Essa pesquisa nos trouxe muitas informações. Por exemplo, um aluno tem um cobertor azul que é o cheiro dele. A mãe pode até trazer aquele cobertor e deixar no berço dele, mas se não tivermos essa informação, na hora do sono, perceberíamos ele irritado, veríamos o cobertor, mas não íamos saber que ele, naquele momento,

está agindo assim, porque está pedindo o cobertor para dormir. Nós faríamos o menino dormir, mas a qualidade do sono não seria a mesma”, explica.

“Então, o questionário nos possibilitou um cuidado maior, proporcionar um bem estar maior, o acolhimento, uma tranquilidade maior para as crianças. E a medida que fomos recebendo as informações, fomos montando cantinhos temáticos na sala de aula e a proporcionar experiências prazerosas para as crianças na companhia dos colegas. Isso facilitou muito a adaptação”, explicou a professora.

Os objetos da preferência de cada criança foram sendo integrados ao ambiente escolar. A girafa que era o brinquedo favorito de uma das crianças, foi incluída no planejamento da turma. Cada família foi convidada a confeccionar, com a criança, uma girafa. Esse foi um momento privilegiado de convivência de pais e filhos.

E, para a professora, uma oportunidade para explicar aos pais que a beleza e a perfeição do objeto era o menos importante, pois aquela foi a primeira experiência da criança que aprendeu sobre textura, cor, cheiro, ao tocar na tinta, sentir a textura do pano, do papel, e de convivência e partilha ao construir algo em junto com a mãe e o pai, ou a família.



Com o cheirinho, o sono da criança é mais tranquilo



A comida preferida de uma criança é oferecida a todas

“Não sei se o Prêmio mudou ou vai mudar drasticamente a minha vida. Estou bem no início de carreira e tenho muito para aprender e para estudar ainda. Mas o fato de saber que já estou no caminho certo, estou fazendo a coisa certa é mais uma motivação para estudar mais e mais e aprender sempre mais”.

Uma extensão da casa

Os pais foram chamados a participar para construir cantos temáticos dentro da sala de aula para cada criança com objetos de apegos ou brinquedos. Cada semana era direcionada a uma criança, sempre com a participação dos pais. Na semana marcada, os pais traziam para a sala, os objetos de apego de seus filhos, podendo ser um cobertor, um brinquedo, uma cadeira, uma fantasia, uma receita da qual ele mais gosta, etc.

Assim, cada criança foi ganhando seu espaço particular e o acolhida pela turma toda. Os pais confeccionaram bonecos da criança com suas medidas, roupas, pertencentes pessoais e uma foto do rosto. As atividades foram sendo organizadas por semanas, cada semana dedicada a uma criança, e atendendo ao planejamento da turma.

Assim, a menina que preferia brincar com garrafas plásticas com água, pode brincar com as garrafas no circuito sensorial construído com a participação das famílias. Tampas de panela decoradas, panos de texturas e cores diferentes, folhas verdes e secas, erva doce, caixas de papelão, calça horta, calça sensorial, enfim, os objetos e brinquedos preferidos foram sendo integrados ao ambiente escolar.

As crianças foram vivenciando novas experiências a partir das preferências individuais. Na semana dedicada à criança, que gostava de chá de erva doce, por exemplo, as professoras prepararam um banho com erva doce para a turma toda.

Os gostos, cheiros, sabores, estilos musi-

cais, preferências e as dificuldades de cada criança, apontados pela família através da pesquisa, foram trabalhados em sala de aula de modo a favorecer e estimular novas experiências de aprendizagem. E, principalmente, fazer com que a criança e seus pais sintam-se acolhidos. Facilitando e até agilizando a adaptação da criança ao novo ambiente e às professoras.

Tudo foi incorporado ao planejamento com o objetivo de levar um conforto maior para a criança na sala de aula, para que ela se sentisse acolhida. E, ao mesmo tempo, os pais sentiram-se acolhidos e mais seguros, pois perceberam que suas observações sobre o filho estavam sendo consideradas.

No momento seguinte à adaptação inicial, os bebês foram sendo levados de dentro da sala de aula outros ambientes do CEI, de modo a proporcionar novas vivências noutros espaços externos à sala de aula.

Foram proporcionados momentos para brincar na grama, no espaço musical da outra turma, na trilha sensorial, no jardim, etc. E assim, a criança sentindo mais segurança, ficará mais tranquila. E os pais também, porque já não tem aquele choro na hora de deixar o filho aqui e isso tranquiliza os pais também.

“No momento que você propõe essa abertura para a família, para falar. E eles perceberem que você está interessada, isso é bem bacana, eles passam a confiar e a participar do processo. Os pais se sentem mais seguros e acolhidos também”, sentenciou a professora.

Tabelas de hábitos visível

sendo adaptado para as demais turmas do CEI. “Com a oferta dos cantos temáticos obtivemos um resultado muito positivo ao receber as crianças novas, pois as que já frequentavam há mais tempo, poderiam ficar mais livres e brincando entre si, dentro de espaços renovados constantemente.

As remodelações aguçam ainda mais a criatividade dos pequenos e sempre sob o olhar atento da professora, as atividades vão sendo trocadas toda vez que a criança perde o interesse no objeto, no brinquedo ou na atividade”, completou.

Desde 2015, cada nova criança é recebida do mesmo modo e o projeto já está

Café para aproximar a família

“Para aproximar a família do CEI passamos a oferecer, uma vez por mês, um café na sala de aula para os pais no momento em que chegavam para deixar seus filhos.

Acompanhado das crianças esses momentos eram preparados com muito carinho por mim, minhas colegas de trabalho e nossas cozinheiras que estão sempre prontas em ajudar. Nestes dias a sala era decorada com um tema: cozinha, chá em Paris, com balões, flores”, descreveu a professora.

Uma vez por mês, os pais eram recebidos com um evento surpresa. Com um café da manhã simples usando os mesmos ingredientes da alimentação das crianças. Estes eventos tinham como objetivo principal proporcionar a experiência de aprendizagem do filho.

“O Fato de ofertarmos um momento surpresa para as famílias mensalmente, preocupar-se com alimentação ofertada ser a mesma que as crianças receberam no dia, necessitando de pequenas alterações quando necessário, e explicar nesse exato momento que toda a alimentação ofertada às crianças é balanceada e controlada pelas nutricionistas da prefeitura leva as famílias a absorverem melhor as informações.

O mesmo acontece, quando os pais, não atribuindo o devido valor às experiências ofertadas a seus filhos, realizaram a mesma experiência durante os momentos surpresas.

Enquanto caminhavam sobre plástico bolha ou sobre um tapete com tintas, ouviram a explicação sobre a importância dessas atividades, já foram desenvolvidas com seus filhos. Assim, a família foi levada a vivenciar uma ex-

periência e, como seus filhos, a aprender com elas”, esclareceu a professora Nota 10.

Os breves momentos, pois os pais precisavam trabalhar, foram mais valiosos que as reuniões de pais, no que diz respeito ao envolvimento das famílias com o projeto. Essa aproximação maior com as experiências pedagógicas de seus filhos, foi fundamental para a concretização do objetivo maior do projeto que era acolher a pais e filhos.

“Preparar-se antecipadamente com cartazes informativos, fotos das experiências realizadas com as crianças para decorar e principalmente informar as famílias dentro de um espaço decorado pensado e planejado para as famílias remete a necessidade de respeitar o tempo, os espaços, os materiais e a organização dos grupos das crianças, observando

O nome do projeto “Pé com Café” é uma referência ao café ofertado às famílias como meio de aproximar os pais da proposta pedagógica do CEI. O pé reporta a uma das principais expectativas dos pais nesta fase: que os filhos comecem a andar.

seus ritmos, provocando potencialidades de aprendizagem.

Tudo isso me convenceu ainda mais do quanto é necessário refletir sobre a prática pedagógica e como planejar as intervenções a serem realizadas com as crianças e adultos”, registrou Marilei.

O projeto rendeu uma grande parceria com os pais. No mês de agosto, reunidos em grupos, os pais revitalizaram alguns espaços do CEI. Naquele dia, o solário da turma, ganhou um circuito de PVC e a horta em calça jeans.

“A horta teve como finalidade envolver as crianças com a natureza, manter contato com a terra,

além de ser um grande estímulo tátil. O circuito foi para aprimorar o sensorio-motor de cada criança. Foi bem gratificante ver a empolgação dos pais na montagem do circuito”.

Esse projeto pareceu simples mas para cada atividade, cantinho ou participação dos pais teve todo um planejamento e dedicação para que tudo acontecesse da forma adequada ao desenvolvimento das crianças, finalizou a professora.

O projeto buscou esclarecer o fato de que os bebês interagem, aprendem, constroem conhecimentos antes mesmo de falar, e que não basta apenas deixá-los limpos, cheirosos e bem alimentados, é preciso acolhê-los bem e continuamente.

E, a parceria com as famílias, pode assegurar uma adaptação tranquila para os bebês que vão à

escola pela primeira vez. É possível através de um planejamento cuidadoso e da antecipação de intercorrências, acolher a criança e a família.

O acolhimento traz em si a dimensão do cotidiano, acolhimento todo dia na entrada, acolhimento após uma temporada sem vir à escola, acolhimento quando algum imprevisto acontece e a criança sai mais tarde, quando as outras já saíram, acolhimento após um período de doença, acolhimento porque é bom ser bem recebido e se sentir importante para alguém”, finaliza a Professora Nota 10.

Pé para caminhar e Café para acolher

Marilei Roseli Chableski é professora há seis anos. Trabalha do CEI Ademir Garcia há três no Berçário I. Incentivada pela professora de apoio pedagógico Denise R. de Oliveira e apoiada ela diretora Benta R. F. Laureano inscreveu seu projeto no Prêmio Educador Nota 10. O projeto foi desenvolvido com as treze crianças sob sua responsabilidade juntamente com as auxiliares Adriana R. Pompermaier e Ana Paula Nogueira.

Receber o prêmio é mais um dos sonhos de vida realizados. Filha de agricultores, nasceu numa comunidade rural Paiol da Barra Feia, o município de São

Mateus do Sul, estado do Paraná. Foi a primeira de três irmãs a sair de casa para estudar.

Com 17 anos, com bolsa do PROUni foi morar há 300kms de casa, e cursar pedagogia, na cidade de Lapa(PR). Foram quatro anos de muito sacrifício, estudos e trabalho como diarista e, mais tarde, estagiária. Recebeu ajuda de pessoas que admiravam sua determinação e vontade de estudar. Sem dinheiro para visitar a família, passava os finais de semana na casa de amigas, onde aproveitava para comer melhor e lavar a roupa, atividade não permitida na instituição em que morava.



Formada, passou no concurso para a rede municipal de Joinville, para onde veio morar com a irmã que já morava na cidade.

Agradecida, lembra que foi a irmã quem pagou sua inscrição para o concurso e fala com felicidade do orgulho do pai e demais familiares pelo Prêmio Educadora Nota 10.



Escolarização do esporte



A realização dos jogos olímpicos no Brasil faz-nos pensar sobre a emergência dos esportes e sua importância no mundo contemporâneo. O campo esportivo foi inventado em meados do século XIX, na Inglaterra, com a competição marcada pela constante superação mediada pelo cronômetro.

Os jogos olímpicos modernos começaram a se realizar na Grécia, em 1896, e, desde então, espalharam-se até os dias que correm, ganhando visibilidade em nível global e envolvendo diferentes dimensões sociais.

Na histórica da educação, é instigante pensar como a instituição escolar se apropriou dos esportes. No Brasil, durante boa parte do século XIX, a escola era da ordem da instrução, isto é, da transmissão de conhecimentos, tanto no ensino primário como no secundário.

Com a implantação do modelo do grupo escolar, no início do regime republicano, surge uma preocupação com a educação integral, que envolvesse as dimensões intelectual, física e moral. Nesse momento histórico, a educação corporal era realizada sobretudo por meio dos exercícios ginásticos, diferenciados para alunas (mais leves) e alunos (mais pesados e de corte militar).

A escolarização do esporte emergiu, segundo o livro “A escola e o esporte: uma história das práticas culturais”, de Meily Linhares, na década de 1920, particularmente nos debates da

Associação Brasileira de Educação (ABE), cuja questão central era a regeneração da sociedade brasileira por meio da educação nacional.

O mote da ABE “energizar o caráter” incluía a prática esportiva, que implicava o respeito às regras, a lógica da constante superação e, nos esportes coletivos, capacidade de trabalhar em equipe. No entanto, o grupo católico da ABE criticava o uso de roupas sumárias nos esportes, que poderiam acarretar problemas de ordem moral.

Assim, ao longo do século XX, os esportes invadiram cada vez o ambiente escolar, tanto na disciplina Educação Física, incluída no currículo do ensino secundário somente em 1931 quanto nos intervalos das aulas e nos finais de semana. No Brasil, o futebol foi o primeiro e o esporte mais praticado nas escolas, seguido pelo basquetebol, voleibol e handebol. De outra parte, o rúgbi não foi apropriado na grande maioria das escolas brasileiras, mas em outros países, como a Inglaterra e a França, esse esporte foi efetivamente escolarizado.

Assim, no mundo escolar, há memórias emocionantes de jogos avulsos, de torneios interclasses e de disputas entre colégios, certamente marcadas por brigas e desentendimentos, mas, sobretudo, por momentos de disputa democrática, de fôlego e de prazer.

Norberto Dallabrida é professor da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Autor, co-autor ou organizador de diversos livros. Entre eles, “A Escola da República (1911-1918)” (Editora Mercado de Letras, 2011) e “O futebol em Santa Catarina: histórias de clubes”, organizado com Alexandre Fernandez Vaz (UFSC) e Norberto Dallabrida (UDESC), com o selo da Editora Insular.

Crianças escrevem sobre suas vivências com a ferrovia

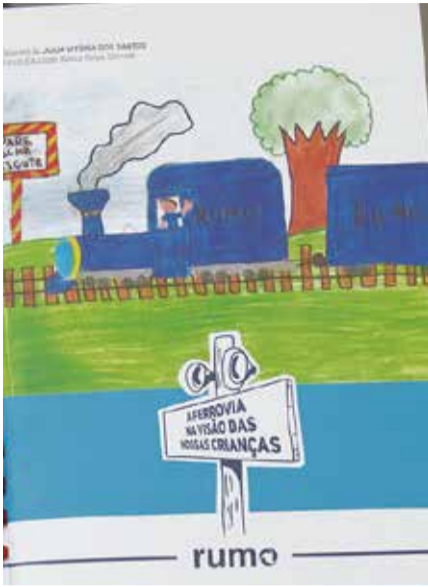
São Francisco do Sul - O livro "A ferrovia na visão das nossas crianças", com poemas e desenhos feitos por estudantes de 10 a 12 anos, foi lançado em sessão de autógrafos no dia 26 de julho, na Escola de Educação Básica Felipe Schmidt, em São Francisco do Sul (SC). O projeto é desenvolvido pela Rumo, a maior concessionária ferroviária do País.

Foram mobilizados filhos de ferroviários e estudantes de cinco escolas situadas nos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Em São Francisco Sul, 17 crianças tiveram seus trabalhos publicados.

Com tiragem de 2 mil exemplares, a obra traz 80 páginas de textos e desenhos feitos por meninos e meninas do ensino fundamental. Eles se inspiraram em depoimentos de ferroviários e de especialistas em transporte e segurança.

Jovens autores

O livro mostra "as sensações vividas por nossas crianças em relação à ferrovia", afirma o presidente da Rumo, Julio Fontana Neto, na mensagem de agradecimento às escolas, aos educadores e aos colaboradores



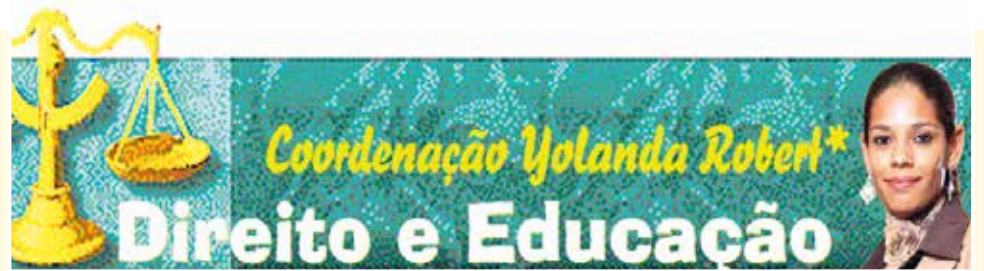
da Companhia, impressa na obra. Ele agradece aos jovens autores, especialmente os filhos de ferroviários, que demonstraram ligação afetiva com a atividade profissional de seus pais. No total, mais de 100 pessoas participaram do projeto.

"No início, o que impressionava era a curiosidade das crianças", diz a coordenadora do projeto, Carmen Maron, responsável pelo setor de Relações Sociais da Rumo. "Com a obra concluída, ficou ainda mais evidente a relação

emotiva com o transporte ferroviário e um surpreendente grau de compreensão quanto à sua importância. Os trens encantam as pessoas, e as crianças conseguem expressar esse sentimento de maneira espontânea".

"O conteúdo elaborado para o livro revela crianças conscientes das medidas necessárias para garantir segurança na relação com o transporte ferroviário", relata Bruna Ramos, especialista que atuou na idealização do projeto na Rumo. A segurança ferroviária foi tema das palestras que inspiraram os autores.

Para ajudar na produção do livro, maquinistas da concessionária chegaram a reunir 200 crianças para contar como é comandar uma locomotiva linha a fora.



A dengue e sua repercussão da legislação trabalhista e previdenciária

Necessário se faz adoção de medidas legais quando verificada situação de iminente perigo à saúde pública, o que atualmente ocorre pela presença do mosquito transmissor do vírus da dengue, do vírus chikungunya e do vírus da zika.

Neste sentido, a Lei 13.301 de 27 de junho de 2016, com início de vigência na data de sua publicação, dispõe sobre as alterações na legislação trabalhista e previdenciária que visam amparar as pessoas, em especial as crianças vítimas de microcefalia e suas mães, implementando um auxílio financeiro.

No âmbito da Previdência Social, essa lei prevê que tem direito ao benefício de prestação continuada temporário, pelo prazo máximo de três anos, na condição de pessoa com deficiência, a criança vítima de microcefalia em decorrência de sequelas neurológicas decorrentes de doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*.

O mencionado benefício de prestação continuada, de natureza assistencial, é a garantia de um salário mínimo mensal à pessoa com deficiência que comprove não possuir meios de prover a própria manutenção nem de tê-la provida por sua família. Esse benefício deve ser conce-

didado após a cessação do gozo do salário-maternidade originado pelo nascimento da criança vítima de microcefalia.

A mesma lei determina que a licença-maternidade seja de 180 dias (na esfera trabalhista) e ao salário-maternidade de 180 dias (no âmbito previdenciário) no caso das mães de crianças acometidas por sequelas neurológicas decorrentes de doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*.

Essa previsão aplica-se, no que couber, à segurada especial, contribuinte individual, facultativa e trabalhadora avulsa, inclusive a empregada doméstica. Desse modo, as referidas seguradas do Regime Geral de Previdência, embora não sejam empregadas propriamente, quando forem mães de crianças acometidas por sequelas neurológicas decorrentes de doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*, têm direito ao salário-maternidade de 180 dias.

Evidente que tal alteração legislativa não resolve o perigo à saúde pública atualmente causado pelo mosquito, o que somente poderá ser realizado com o envolvimento de toda a população nas práticas e cuidados necessário para evitar a proliferação das doenças.

Yolanda Robert – professora, advogada, consultora e especialista em direito e processo civil e em direito e processo do trabalho. Email: yolanda@robertadvocacia.com.br

Faça a sua parte

Denúncia
Dengue
156

Ajude a evitar a reprodução do mosquito. Previna-se:

- Evite usar pratos nos vasos de plantas ou coloque areia até a borda.
- Regue as plantas como a bromélias, com uma mistura de um litro de água e uma colher de água sanitária,
- Guarde garrafas com o gargalo para baixo
- Mantenha lixeiras tampadas
- Mantenha os depósitos de água sempre vedados.
- Trate a água da piscina com cloro e limpe uma vez por semana.
- Mantenha ralos fechados e desentupidos.
- Lave com escova os potes de comida e de água dos animais uma vez por semana.
- Retire a água acumulada em lajes, calhas e tampas de caixa d'água.
- Dê descarga no mínimo uma vez por semana em banheiros pouco usados
- Mantenha fechada a tampa do vaso sanitário.
- Evite acumular entulho, pneus, baldes, lonas, potes, etc...
- Remova toda a sujeira (folhas, galhos) das calhas de sua residência e certifique-se de que a água escorrida siga para destino correto.
- Deixe o lixo em latas fechadas para a coleta.
- Avise o agente sanitário da existência de lixo em terrenos baldios.

O Instituto Referência IREI é um instituto de ensino de cursos técnicos de nível médio que possui os seguintes cursos aprovados pelo CEE-SC

- ✓ Estética;
- ✓ Massoterapia;
- ✓ Podologia;
- ✓ Enfermagem;
- ✓ Cuidados de idosos;
- ✓ Administração;
- ✓ Vendas;
- ✓ Serviços jurídicos;
- ✓ Segurança do trabalho;
- ✓ Imagem pessoal.

Também temos disponíveis para o público externo, em nossa clínica escola, serviços de procedimentos estéticos, massoterapêuticos e podológicos, realizados por nossos alunos com supervisão constante.
Venha conferir!

Local: Instituto IREI - Rua Araranguá, 242 - América Joinville, SC.

Contatos:

(47) 3422-8906

(47) 98838-3501

(47) 98843-0705



Estou querendo trabalhar na tórrida Teresina, no Piauí. Quero prestar consultoria para as escolas particulares de lá, depois que vi o sucesso das escolas desse estado paupérrimo no ranking das melhores escolas do ENEM.

Nada se compara ao sucesso que os coordenadores pedagógicos piauienses atingiram e, olhando bem o **ranking das 20 melhores escolas do Brasil, Piauí e Ceará figuram entre as melhores, de 15 mil escolas.**

O Piauí é um dos 3 estados mais pobres do Brasil. É pobre até para os padrões nordestinos. Como que tem as melhores escolas do Brasil?

O Ceará, que também é um estado muito pobre, tem outra fatia gorda de escolas entre as melhores do Brasil pelo ranking do ENEM. Qual será este fenômeno educacional? E como com tantas boas escolas, ainda há tanta miséria e desigualdade em ritmo crescente à imensa maioria de seus habitantes?

Refletamos: Na Índia, a sociedade é dividida em castas, de acordo com etnias

Médio Privado entram na faculdade e, estes, são menos de 20% do total de estudantes. Um aluno de escola pública terá no Ensino Básico a metade da carga horária de um aluno de boa escola particular; saberá ler e interpretar, calcular e refletir questões de mundo com rendimento até 70% menos do que um aluno de escola paga que, por sua origem abastada, já teria um caminho mais fácil para ter profissão, emprego e alternativas diversas para manter o status quo familiar.

As profissões menos concorridas, como as licenciaturas, acabam nas mãos dos mais pobres, que mal conseguem se manter, quem dirá comprar livros e pagar cursos de atualização e capacitação. Eles serão professores a maioria de escolas públicas. Faltam muito e são mal coordenados, não têm acesso a sistemas informatizados e equipamentos de qualidade. Começa aí o caos nas escolas públicas.

O que o Ranking do ENEM 2015 nos mostra, aliás, nos esfrega na cara, é que as melhores escolas do Brasil são as escolas

A perpetuação do desequilíbrio social: A Índia e o Piauí

3,1 e no ranking do ENEM se encontram na rabeira do ranking, acima da 8500ª posição, dali para trás. As escolas particulares vêm com IDEB de 6,6 para cima e, no Ensino Médio, lideram o ENEM com folga!

Por mais que o governo comemore as raras escolas públicas que aparecem entre as 200 melhores, ou entre as 900 melhores, de 15 mil escolas que pontuaram no ENEM, é fácil de perceber que tais escolas são federais, ou Institutos Federais ou escolas ligadas às universidades federais, os chamados “colégios de aplicação”, gratuitos, mas que só entram com rigorosos testes de seleção ou servem aos abastados funcionários públicos, que podem deixar seus filhos estudando com mestres e doutores e se refestelam com verbas próprias, diretas da fonte de Brasília.

Outras escolas públicas, as que recebem verbas das regiões industriais onde se situam (como de Valinhos, Joinville, Jaraguá do Sul e Caxias do Sul) e que possuem em seus conselhos membros da administração dessas empresas para fiscalizar as verbas doadas, acabam indo bem, mas muitas perdem nota porque os professores são pagos pelo Poder

juvenzinhos arrogantes e infantilizados de sua elite, que conseguem bons resultados nos cursos superiores, mas sem pensar profundamente, sem serem cientistas mesmo. Isso porque se demora muito para se desfazer do condicionamento de estudos enlatados das fórmulas de passar no ENEM (dificuldade de pensar de forma ampla e holística) e porque o diploma, sem avanço em pesquisa, para quem tem patrimônio, emprego, renda familiar e influência social, vale muito, mas não o suficiente para transformar informação em conhecimento. Renda, eles possuem, só lhes cabe manter.

Não se trata aqui de uma polarização rico x pobre. Há pobres que sobem na vida estudando, mas são tão raros quanto ricos que empobrecem.

Se trata de manutenção de status quo e de injustiça social. Falo aqui que as classes mais ricas continuam a dominar as melhores vagas, não dominam a sociedade que é dominada por criminosos das drogas ou da política. Trato apenas de lembrar que a imensa maio-



Família à beira do Rio Ganges aguardando as doações



Foto- <http://educacaonosemiarido.blogspot.com.br/2016/02/movimentos-sociais-se-mobilizam-contra.html>

e escalas sociais milenares e excludentes. Quem é dalith, a casta mais escuraçada, nunca será bem visto, aceito ou terá uma vaga como um brãmene, da elite. Praticamente não há dalith rico e, se conseguir ganhar numa loteria, ninguém quer o dinheiro dele, creem ser impuro. Ou seja: a maioria dos daliths é miserável e continuará sendo.

Com o desenvolvimento da Educação, na Índia, este preconceito idiota cai a cada ano, mas ainda é forte. No Brasil, a “pátria educadora”, se você é pobre e estuda 11 anos em escola pública, sem reprovar e termina o Ensino Médio, tem 5 vezes menos chances de um hindu dalith em subir na pirâmide social.

Quem é pobre no Brasil, por mais que estude, tem chances mínimas de ser classe média, uma chance em 20 de uma criança de classe D chegar a ser classe B estudando 11 anos, pois raros saem com habilidades profissionais e apenas 17% entram no Ensino Superior. Veja que 85% dos alunos de Ensino

dos ricos, dos muito ricos! O Piauí, o Ceará e todos os estados pobres possuem a elite (minoridade absoluta) estudando em escolas de padrão internacional, fornecendo a estes a chance de conseguirem as melhores vagas na universidade pública, pagas pelo imposto dos pobres, que são os que pagam mais.

As poucas escolas públicas bem colocadas são federais, com recursos amplos e excludentes do povão. Lugar de rico! Estes ricos bem instruídos serão os adultos bem formados. Mas não entendem que poderiam ser mais abastados, se conseguissem gerenciar a sociedade de forma mais igualitária, sem cair na podridão do Socialismo prático.

E a classe pobre brasileira, continuará nesse engessamento social, sem as mudanças que a Educação de qualidade já produz no mundo todo, até na Índia, até no Piauí, mas só pra quem pode!

Nos estados brasileiros, as escolas públicas chafurdam no IDEB com médias entre 2,3 e

Público e mal recebem para fazer um curso de atualização ou comprar um livro.

A desigualdade social é reforçada por nosso modelo educacional em nossa sociedade desequilibrada, isso não é culpa da elite do Piauí.

Mas as elites que lideram o ranking e que ocupam as melhores vagas nas universidades não produzem alternativas de melhor distribuição de renda, de produção de estudos que embasem leis para justificar a diminuição de impostos, a fiscalização de contas públicas, pesquisas científicas de peso que contribuam para o avanço da ciência, a melhoria do caos urbano, dos problemas ambientais, de saúde e da própria educação.

Ou seja: estas escolas dos ricos nos estados pobres adestram muito bem os

ria pobre não pode competir pelas mesmas oportunidades em igualdade de condições, se as escolas públicas não melhorarem.

Alunos que mal têm o que comer e o que vestir, como os jovens que vejo diariamente na periferia de João Pessoa, nas escolas re- viradas do avesso, de professores faltosos, sem iniciativa e sem o devido preparo de gerenciamento multidisciplinar dos conteúdos, sem a fala da experiência variada, que ilustra e inspira, com seus pais que mal conseguem entender o mundo em que vivem ou como não fazer mais filhos, que passaram por uma escola, mas que não fez diferença. A elite continuará elite. Isolada do mundo, como os humanos sobreviventes em relação aos zumbis de Walkind Dead. A riqueza das escolas dos ricos mantém, mas não transforma. A pobreza da escola dos pobres também. Eis o problema!